

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

Dossiê Os mineiros e o trabalho em mineração

Organização
Clarice Gontarski Speranza



Apoio logístico
UFSC

Julho/Dezembro 2015
Volume 7 - Número 14

Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação
em História, Cultura e Práticas
Sociais – UNEB

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO DO DOSSIÊ Clarice Gontarski Speranza

EDITOR DO NÚMERO David Lacerda

REVISÃO DE TEXTO 2Designers

PROJETO GRÁFICO Virgínia Loureiro

DIAGRAMAÇÃO 2Designers

COLABORARAM COM ESTE NÚMERO Adalberto Paz (UNIFAP), Aldrin Castellucci (UNEB), Alexandre Fortes (UFRRJ), Beatriz Loner (UFPEL), Benito Schmidt (UFRGS), Diorge Konrad (UFSM), Evangelia Aravanis (ULBRA), Gláucia Vieira Ramos Konrad (UFSM), Helder Macedo (UFRN), Leandro Braga de Andrade (CEFET-MG), Luciana Zorzoli (Universidad Nacional de La Plata – CONICET), Luiz Gustavo Cota (FADIP), Nielson Bezerra (UERJ), Paulo Fontes (CPDOC/FGV), Regina Guimarães Neto (UFPE), Silvia Nassif (Universidad Nacional de Tucumán – CONICET), Vera Navarro (USP), Vinicius de Rezende (UFBA), Wellington Castellucci Junior (UNEB).

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”

(<http://gtmundosdotrabalho.org/>)

Coordenação Nacional

César Augusto Bubolz Queirós

Coordenações Estaduais

Amapá

Adalberto Paz

Amazonas

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

Davi Avelino Leal

Bahia

Vinicius de Rezende

Mato Grosso do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Paraná

Antônio de Pádua Bosi

Rio Grande do Sul

Melina Kleinert Perussatto

Nauber Gavski da Silva

Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

São Paulo

Dainis Karepovs



Apoio logístico
Programa de Pós-graduação
em História da UFSC

Julho/Dezembro 2015
Volume 7 - Número 14



Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação em História,
Cultura e Práticas Sociais - UNEB

EQUIPE EDITORIAL

EDITORES

[Adalberto Paz](#)

Universidade Federal do Amapá, Brasil

[Aldrin Castellucci](#)

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[David Lacerda](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Lara de Castro](#)

Universidade Federal da Bahia, Brasil

[Laura Candian Fraccaro](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Luiz Balkar Sá Peixoto Pinheiro](#)

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

[Nauber Gavski da Silva](#)

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

[Alexandre Fortes](#)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

[Antonio Luigi Negro](#)

Universidade Federal da Bahia, Brasil

[Barbara Weinstein](#)

New York University, Estados Unidos da América do Norte

[Beatriz Ana Loner](#)

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

[Beatriz Mamigonian](#)

Universidade Federal de Santa Catarina

[Claudio Henrique de Moraes Batalha](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Dick Geary](#)

Nottingham University, Reino Unido

[Flavio dos Santos Gomes](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Henrique Espada Lima](#)

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

[John D. French](#)

Duke University, Estados Unidos da América do Norte

[José Ricardo G. P. Ramalho](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[José Sérgio Leite Lopes](#)

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Juan Suriano](#)

[Marcel Van Der Linden](#)

International Institute of Social History, Holanda

[Marcelo Badaró Mattos](#)

Universidade Federal Fluminense, Brasil

[Marco Aurélio Santana](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Maria Célia P. M. Paoli](#)

Universidade de São Paulo, Brasil

[Michael McDonald Hall](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Michel Ralle](#)

Université Paris-Sorbonne, França

[Mirta Zaida Lobato](#)

Universidad de Buenos Aires, Argentina

[Norberto Osvaldo Ferreras](#)

Universidade Federal Fluminense, Brasil

[Prabhu Mohapatra](#)

University of Delhi

[Sidney Chalhoub](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Vitor Wagner Neto de Oliveira](#)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

GERENTE

[Henrique Espada Lima](#)

Os mineiros e o trabalho em mineração: experiências, lutas e identidades

Clarice Gontarski Speranza*

5

Os 34 milhões de metros cúbicos de lama tóxica que se esparramaram ao longo de 600 quilômetros a partir de Mariana (MG) até a foz do Rio Doce, no Oceano Atlântico, em novembro passado, matando ao menos 16 pessoas, desabrigando outras 1.200 e destruindo cidades, matas e rios, trouxeram para a atenção da opinião pública brasileira uma das atividades econômicas mais rentáveis e, ao mesmo tempo, mais mortíferas do mundo: a mineração. Danos ambientais, numerosos acidentes de trabalho e alta insalubridade concorrem para eleger a extração de minério das entranhas ou da superfície da terra como atividade humana excepcionalmente perigosa e árdua.

Entre os imediatamente atingidos pelo desastre de Mariana estavam empregados da mineradora Samarco e moradores de toda a região atingida. Mas na maioria das vezes, as (principais) vítimas fatais dos acidentes na mineração são mesmo os trabalhadores mineiros. Basta citar o recente caso dos 33 mineiros de San José, no Chile, soterrados durante 69 dias em 2010, e a conhecida catástrofe de Marcinelle, na Bélgica, em 1956, quando um incêndio provocou a morte de 269 dos 274 mineiros que trabalhavam no local (a maioria italianos).

São justamente os riscos associados à profissão de mineiro que delimitam uma série de peculiaridades em relação à execução do ofício e à formação do trabalhador para atuar no setor. Somados à quase onipresente necessidade de grandes e renovados contingentes de operários e ao isolamento das vilas de trabalhadores, os riscos influíram decisivamente para que pesquisadores atribuíssem aos mineiros características como severa disciplina de trabalho, coesão social, valorização da solidariedade e da coragem, alto nível de militância e ativismo político.¹ O célebre levantamento dos movimentos grevistas na França do final do século XIX, elaborado por Michelle Perrot, demonstra, por exemplo, que as greves dos mineiros foram umas das mais longas e violentas paralisações do trabalho.² A vida social dos grupos mineiros, observaram Norman Dennis, Fernando Henriques e Clifford Slaughter em estudo clássico, seria marcada por uma estrita divisão de gênero: “Há uma virtual ou definitiva exclusão das mulheres de diversas atividades sociais”,³ apreçoavam.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 TREMPÉ, Rolande. “Les caractéristiques du syndicalisme minier français et son apport au mouvement ouvrier français”. *Halifax*, volume 16, nº 1, 1981, p. 144-154.

2 PERROT, Michelle. *Jeunesse de la greve (France, 1871-1890)*. Paris: Éditions du Seuil, 1984. p. 179.

3 DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando; SLAUGHTER, Clifford. *Coal is our life*. Londres: Tavistock Publications, 1956, p. 248.

Bibliografia mais recente tende a relativizar esse quadro – que, coincidência ou não, se aproxima muito dos mineiros de carvão descritos por Émile Zola no romance *Germinal*, no qual o escritor francês ressalta o papel da grande empresa mineradora, os trabalhadores reunidos em vilas, o controle rigoroso do trabalho e da vida familiar, a militância política, a hierarquia e a solidariedade laboral. Devido provavelmente a sua importância econômica e histórica como sustentáculo e atividade impulsionadora da Revolução Industrial, a mineração de carvão tendeu a assumir a liderança dos estudos envolvendo o tema. Em 1989, um congresso internacional de história mineira discutiu uma agenda para o futuro. Despontaram, naquele momento, propostas de abordagens que levassem em conta a desagregação das organizações, comunidades e greves mineiras, a necessidade de melhor explorar o papel do Estado, especialmente em relação à repressão e ainda questões de etnicidade e gênero.⁴

O historiador Thomas Klubock, autor de pesquisas sobre os mineiros de cobre do Chile, escreveu, por exemplo, que “a cultura política mineira não reflete uma identidade autônoma e unívoca, ditada pelas circunstâncias estruturais do seu trabalho”.⁵ Assim, os elementos estruturais, bem como a ideologia patronal e do Estado, seriam recombinações, reestruturados e ressignificados historicamente, e a identidade dos trabalhadores absorveria e se contraporía continuamente às circunstâncias nas quais está imersa. Além disso, o papel das mulheres no ativismo social das vilas mineiras passou a ser bastante valorizado, e novos tipos de protesto social relacionados ao declínio da mineração subterrânea na Europa e à ascensão da agenda do meio ambiente vieram à tona. Segundo Hugh Beynon, o setor do carvão viveu na Grã-Bretanha da década de 1990 “um movimento reformista dinâmico”⁶ no qual alianças locais, organizações de defesa do meio ambiente e sindicatos formaram uma aliança poderosa que obteve ganhos reais.

Um marco recente dos novos enfoques é o livro *Towards a Comparative History of Coalfield Societies*, organizado por Stefan Berger, Andy Croll e Norman LaPorte⁷, lançado em 2005, que propõe uma perspectiva comparada da história das minas de carvão, desconstruindo mitos como o “mineiro radical”, problematizando questões de gênero e etnicidade e o uso de fontes fotográficas e audiovisuais na abordagem do tema. Por outro lado, a frequente coexistência de diferentes grupos étnicos nas minas é um dos temas em que os enfoques transnacional e global encontram terreno fértil, como indicam as investigações feitas no âmbito do Instituto Internacional de História Social.⁸

No Brasil, o trabalho em mineração ocupou espaço na historiografia e na produção das ciências sociais. As atenções voltaram-se à análise das minas de ouro de Minas Gerais e das minas de carvão do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (sem esquecer os estudos sobre o processo de trabalho envolvendo a exploração de outros minérios, como por exemplo, o manganês, objeto das investigações de

4 PHIMISTER, Ian. “Global Labour History in the Twenty-First Century: Coal Mining and its Recent Past”. In: LUCASSEN, Jan (org). *Global Labour History: State of the Art*. Berna, Suíça: International Academic Publishers, 2006.

5 KLUBOCK, Thomas. *Contested Communities: Class, Gender, and Politics in Chile’s El Teniente Copper Mine, 1904-1948*. Durham: Duke University Press, 1998, p. 6.

6 BEYNON, Hugh. “Da militância industrial ao protesto ambientalista: mudança nos padrões de dissensão nas regiões inglesas das jazidas de carvão”. *Cadernos AEL*, v. 7, nº 12/13, 2000, p. 166.

7 BERGER, Stefan; CROLL, Andy e LA PORTE, Norman (orgs). *Towards a comparative History of Coalfield Societies*. Londres: Routledge, 2005.⁷

8 Cf. LINDEN, Marcel Van den. *Globalizing Labour Historiography – The IISH Approach*. Amsterdam: International Institute of Social History, 2002.

Adalberto Paz sobre a Amazônia).⁹ Em relação às minas de ouro, uma obra pioneira é *Mina de Morro Velho, a extração do homem*,¹⁰ da socióloga e cientista política Yonne de Souza Grossi. Lançado em 1981, o livro de Grossi aborda o duro cotidiano da mina situada no hoje município de Nova Lima (MG), incluindo a disciplina de trabalho e a vida social dos mineiros. Ainda nos anos 1980, o historiador Douglas Libby publicou *Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil e Transformação e trabalho em uma economia escravista*,¹¹ nos quais utiliza ampla documentação, entre censos, mapas de população e relatos de viajantes para compor um amplo painel sobre o papel da mineração na economia mineira oitocentista. Recentemente, autores como Fabiano Lopes de Paula,¹² Fábio Carlos da Silva¹³ e Tânia Maria de Souza¹⁴ examinaram os valores sociais, as relações de trabalho e os investimentos econômicos sob hegemonia inglesa na mineração aurífera na região no século XIX. É sob este marco temporal que se concentra a maior parte dos trabalhos, entre eles a tese de Rafael de Freitas de Souza sobre o trabalho e o cotidiano na Mina de Passagem de Mariana – que se estende, porém, até as primeiras décadas do século XX.¹⁵

Os estudos sobre as minas de carvão concentram-se, por outro lado, no século XX, até porque foi a partir dele que se intensificou a exploração em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ainda nos anos 1980 Teresinha Volpato empreendeu um dos primeiros apanhados sociológicos do trabalho mineiro na região de Santa Catarina (*A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*¹⁶), mostrando a degradação do trabalhador gerada pelo ofício. Renato Carola inovou ao pesquisar sobre o trabalho feminino nas minas catarinenses, frequente no período de 1937 a 1964, no entanto negado pelo senso comum do grupo, segundo o qual não havia mulheres “trabalhadoras” nas minas (elas apenas “ajudariam” os homens em algumas tarefas “menores”).¹⁷

No Rio Grande do Sul, a antropóloga Cornelia Eckert examinou com maestria as representações culturais dos trabalhadores das minas de Charqueadas, em especial, a festa religiosa de Santa Bárbara.¹⁸ Também na Antropologia, Marta Ciocari produziu dois trabalhos importantes sobre a cultura mineira e as relações sociais no hoje município de Minas do Leão, local onde foi instalada uma autarquia mineradora

- 9 PAZ, Adalberto. *Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do caboclo-operário no início da mineração industrial amazônica*. Belém: Paka-Tatu, 2014.
- 10 GROSSI, Yonne de Souza. *Mina de Morro Velho, a extração do homem: uma história de experiência operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- 11 LIBBY, Douglas Cole. *Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil: o caso de Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984; _____. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais, século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 12 PAULA, Fabiano Lopes de. “O espaço da morte nas minerações inglesas em Minas Gerais – o exemplo de Morro Velho”. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997).
- 13 SILVA, Fábio Carlos da. “Barões do ouro e aventureiros britânicos no Brasil – a companhia inglesa de Macaúbas e Cocais, 1829-1929”. (Tese de Doutorado em História Econômica, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997).
- 14 SOUZA, Tânia Maria Ferreira de. “Onde o sol nunca brilha: uma história dos investimentos britânicos e da mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX”. (Tese de Doutorado em História, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002).
- 15 SOUZA, Rafael de Freitas e. “Trabalho e cotidiano na mineração aurífera em Minas Gerais: a Mina de Passagem em Mariana (1863-1927)”. (Tese de Doutorado em História, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009).
- 16 VOLPATO, Teresinha. “A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma”. (Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFSC, Florianópolis, 1984).
- 17 CAROLA, Carlos Renato. *Dos Subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: UFSC, 2002.
- 18 ECKERT, Cornelia. “Os homens da mina – um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS”. (Dissertação de Mestrado em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1985).

estadual (atual Companhia Riograndense de Mineração).¹⁹ Cristina Ennes da Silva, por sua vez, estudou as estratégias das grandes empresas privadas do setor no início do século XX, momento em que a região era líder nacional da produção de carvão.²⁰ A trajetória de Manoel Jover Telles, conhecido líder sindical mineiro e membro da cúpula do PCB e do PC do B, foi investigada por Éder da Silva Silveira.²¹ As pesquisas de Aleksandro Witkowski e Tassiane Freitas,²² e, sobretudo, de Felipe Klovan²³ e Clarice Speranza,²⁴ ratificam não apenas a “índole combativa” dos agrupamentos mineiros, como também a utilização da via legal como forma de garantir direitos já no início dos anos 1930 e 1940.

O dossiê “Os mineiros e o trabalho em mineração”, que integra esta edição da *Revista Mundos do Trabalho*, pretende oferecer aos leitores um panorama da produção atual sobre o tema. Os artigos a seguir abordam dinâmicas e agentes historicamente particulares, situados em um período compreendido entre a primeira metade do século XIX e as últimas décadas do século passado. Se a diversidade de enfoques e perspectivas analíticas pode ser considerada a marca característica deste dossiê, por outro ela demonstra a importância e a vitalidade das investigações recentes sobre o trabalho em mineração – no Brasil e no mundo.

Em nosso país, especialmente, a maior disponibilidade de fontes tem despertado mais atenção para este objeto. Torna-se relevante assim confrontar os caminhos escolhidos pelos pesquisadores, bem como suas escolhas teóricas, no sentido de promover uma maior discussão sobre as possibilidades de pesquisa e seus desafios.

O artigo de Ad Knotter, diretor do Centro de História Social voor Limburg da Universidade de Maastricht, na Holanda, originalmente publicado em edição recente da *International Review of Social History* (IRSH), abre o dossiê. Em “Mineração de carvão, migração e etnicidade: uma história global”, Knotter revisa e analisa as pesquisas sobre migrações e mineração de carvão, mostrando o quanto este tipo de empreendimento sempre envolveu o deslocamento de massas de trabalhadores por regiões e países, o que gerou importantes consequências sociais.

De uma perspectiva global centrada na análise histórica de variáveis ligadas ao trabalho e à experiência dos trabalhadores em mineração, os artigos seguintes – embasados em fartas pesquisas empíricas – passam ao exame de aspectos da

19 Cf. os trabalhos de Marta Cioccarri: “Ecos do subterrâneo: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS)”. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, IFCH/PPG Antropologia Social/UFRGS, 2004) e “Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão”. (Tese de Doutorado em Antropologia, PPGAS Museu Nacional (RJ), 2010).

20 SILVA, Cristina Ennes da. “Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul”. (Tese de Doutorado em História, PPG em História, PUCRS, 2007).

21 SILVEIRA, Éder da Silva. “Além da traição: Manoel Jover Telles e o comunismo no Brasil do século XX”. (Tese de Doutorado em História, Unisinos, São Leopoldo, 2013).

22 WITKOWSKI, Aleksandro e FREITAS, Tassiane Melo. *Sobre os homens desta terra – A trajetória de fundação do sindicato dos mineiros de Butiá no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ed. autores, 2006.

23 KLOVAN, Felipe Figueiró. “Sob o fardo do Ouro Negro: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na primeira metade da década de 1930”. (Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2014).

24 SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUHRs, 2014.

mineração no Brasil. O estudo de Rafael de Freitas e Souza aborda a Mina de Cata Branca, empreendimento de mineração aurífera em Minas Gerais administrado por uma companhia inglesa no século XIX. Além de demonstrar a coexistência de operários livres e escravos, nacionais e estrangeiros na labuta diária, o autor revela como eram extremamente insalubres as condições de trabalho na mineração aurífera em Minas Gerais oitocentista, quando eram corriqueiros os soterramentos e toda a sorte de acidentes.

Já Marta Ciocari e Felipe Klován abordam as relações de trabalho nas minas de carvão do Rio Grande do Sul. Klován examina os enfrentamentos entre os operários e as mineradoras nos anos 1930, momento de organização do sindicato da categoria. Tais ações coincidiram com a eclosão de greves e a utilização de ações judiciais como forma de se contrapor ao arbítrio patronal. Ciocari, por sua vez, direciona a análise às concepções de honra que transparecem nas falas dos mineiros, quase sempre relacionadas às vicissitudes da profissão e à militância sindical. “Coragem”, “esperteza” e “ousadia” eram valores cultivados pelos trabalhadores na construção de sua identidade, tal como definiu um dos mineiros entrevistados pela pesquisadora ao dizer: “O mineiro de subsolo é um herói”.

Por fim, Carlos Renato Carola e Giovani Felipe mostram como a insegurança nas minas persiste em tempos atuais – como demonstra, de resto, o desastre da barragem de Mariana (MG). Os autores examinam levantamentos referentes a acidentes, mortes e danos ambientais ocorridos nas minas de carvão em Santa Catarina nos últimos anos e relatam dados impressionantes, sobretudo quando observados face às transformações nas técnicas de extração e ao aumento das exigências referentes à segurança de trabalho dos tempos contemporâneos.

Tragédias, heroísmo, lutas, invisibilidades: eis o universo que leitores e leitoras poderão percorrer ao longo das páginas deste dossiê, que, esperamos, possam despertar o interesse e a curiosidade por um campo de estudos em permanente transformação.

